

Seca no mundo das águas

Estiagem na Amazônia, a pior desde 1963, afeta vida dos ribeirinhos e aumenta distâncias

PABLO PEREIRA
Enviado especial

BARREIRINHA - Uma chuva fina caía sobre Manaus no início da manhã de quinta-feira, quando o poeta amazonense Thiago de Mello entrou em um pequeno avião para 12 passageiros, rumo a Parintins, no baixo Rio Amazonas, quase divisa com o Pará. Preocupado com os efeitos no ambiente da mais forte vazante dos últimos 32 anos no Estado, o artista começava a respirar aliviado com o tempo que parecia anunciar a retomada do ciclo das águas.

Nos últimos meses, a seca amazônica provocou queda nos níveis da represa de Balbina e derrubou a produção de energia de 250 megawatts para 100 megawatts. A redução no fornecimento levou ao racionamento de energia com cortes de luz de seis horas diárias em Manaus. A normalização do sistema está prevista somente para o final de dezembro.

No interior, onde a energia é gerada por termoeletricas, a estiagem afetou a vida dos ribeirinhos de outra forma. Com os igarapés e igapós secos, os moradores de comunidades à beira dos rios são obrigados a caminhar quilômetros em leitos esturricados. Os rios chegaram à marca de 14,34 metros, a menor desde 1963, quando a água desceu de mais de 25 metros na cheia para 13,67 metros.

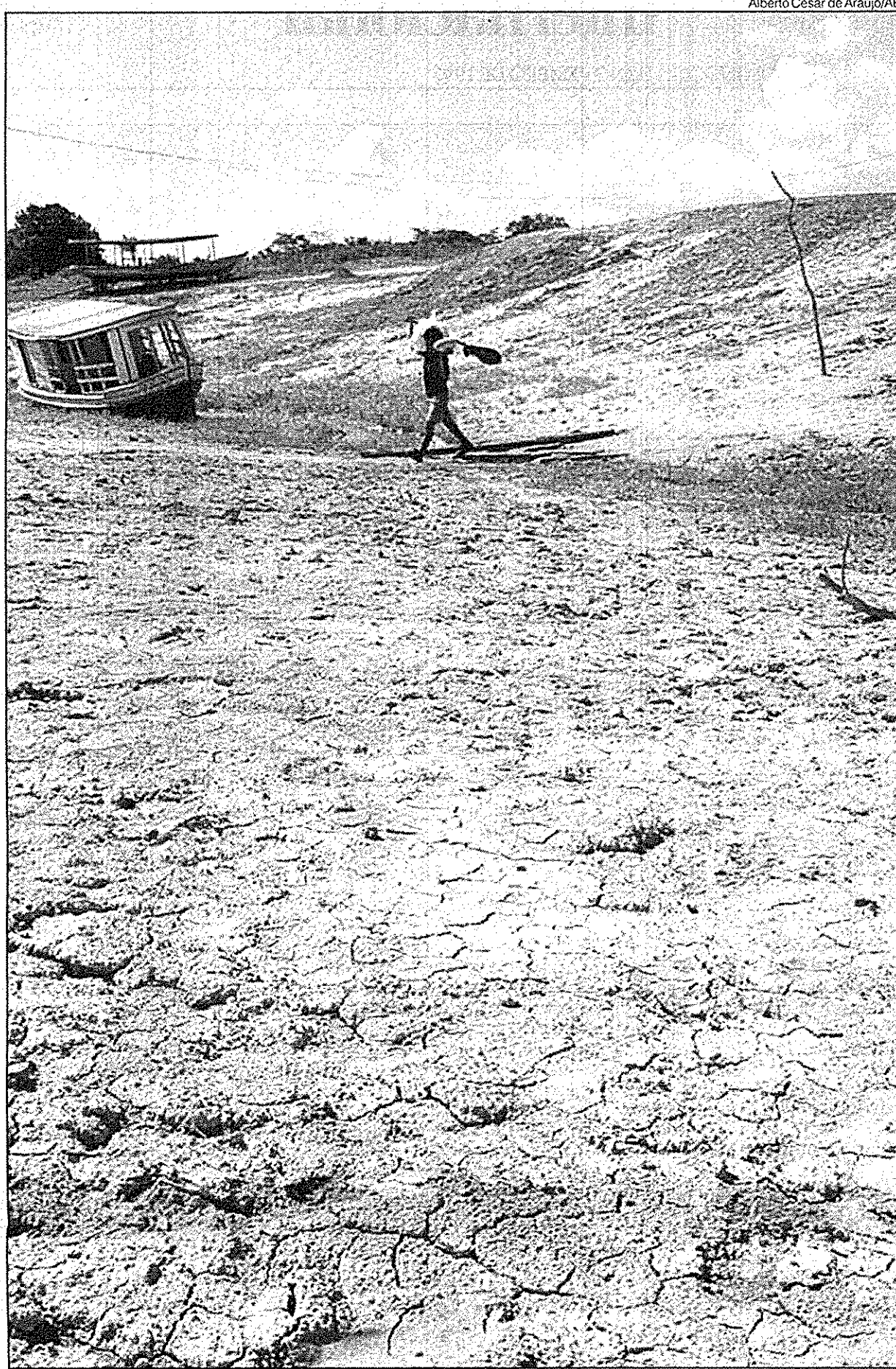
A região na qual mora Thiago de Mello é uma das mais afetadas. Na semana passada, o Estado acompanhou a viagem do poeta de 71 anos, que há duas décadas voltou do exílio político para o sossego de uma casa projetada pelo arquiteto Lúcio Costa, construída numa chácara em Barreirinha. Thiago de Mello contou que havia muitos anos não via a água baixar como agora. Ele mora na cidade que fica a uma hora e meia de Parintins em viagem numa lanchara conhecida na região como voadeira, com 40 HP. O poeta confessa que não sabe exatamente o que está ocorrendo com o clima na Amazônia, mas tem um palpite, já escrito no encerramento do seu mais novo livro *Águas, pássaros, gentes e milagres do pedaço mais verde do planeta*. Para Thiago, "a floresta está sendo impiedosamente destruída".

Retornando de uma viagem ao exterior para a pequena Barreirinha, cidade de 6 mil habitantes à margem do paraná do Ramos, um braço do Rio Amazonas, onde vive há 20 anos, o escritor apontava o solo aqui e ali durante o voo de 40 minutos. Vista de cima na cheia, de janeiro a julho, a região costuma ser um encantador espelho líquido. Em junho, no pico da estação, a régua do Departamento de Hidrologia da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) registrou quase 29 metros de água no Rio Negro, em Manaus. Essa imensidão sobe barrancos, espalha-se pela selva alongando igarapés, criando desvios naturais com a força das correntes (os chamados paranás) e transformando-se num gigantesco conjunto de rios e lagos.

Mas nos últimos meses, o fenômeno climatológico da moda, El Niño, mudou a paisagem adorada pelo artista. Os lagos piscosos, coalhado de pirarucus, jaraquis e tucunarés até mesmo na vazante - entre agosto e dezembro - reduziram-se a manchas de água quente e amarelada. Do alto, parecem batéias gigantes, como se a margem seca de terrarachada avançasse para o centro, sufocando os belos tucunarés, peixes que ostentam na cauda um desenho de um olho em amarelo e preto.

O autor de *Amazonas*, pátria da água, livro que cedeu argumento para um filme em 1984, quando o jornalista Armando Nogueira ainda trabalhava na TV Globo, conta que pela primeira vez, gente de 50 anos viu emergir ilha no meio do Rio Andirá, afluente do Amazonas. Sobrevoando a floresta tropical que concentra um quinto de toda a água doce do planeta, Thiago de Mello teme que o impacto da seca seja sentido na rede dos pescadores que hoje abusam do baixo nível das águas e da fartura com abate irregular.

Dias piores - "Vi centenas de pirarucus pequenos mortos em lagos", denuncia, lembrando dos piores dias



Igarapé afluente do Rio Andirá: moradores caminham quilômetros em rios esturricados



MANAUS
TEVE CORTES DE
LUZ DE SEIS
HORAS DIÁRIAS

da estiagem. Os peixes morrem por asfixia na água quente e tornam-se presas fáceis nas bocas dos igarapés. O pirarucu é vendido nos mercados das cidades ribeirinhas por R\$ 1,50 o quilo. Em Barreirinha, um quilo de tucunaré custa R\$ 1,00; de tambaqui, R\$ 1,20; jaraqui, R\$ 0,60; e mapará, R\$ 0,50. Com a farinha de mandioca, a carne saída dos rios e lagos forma o prato principal na mesa dos caboclos.

Antes de subir a bordo, quando começa a rabiscar um novo poema usando as últimas páginas do livro *Amrik*, de Ana Miranda, Thiago de Mello havia criticado a falta de fiscalização por parte do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Ele considera o Ibama desaparelhado. Ao passar por Brasília a caminho de casa, o escritor reclamou da situação com o ministro do Meio

Ambiente, Gustavo Krause. "O Ibama não fiscaliza os iates dos ricos cheios de tracaças e tartarugas", protestou.

Ao chegar a Parintins, onde há a estação do Instituto de Meteorologia do Ministério da Agricultura no Estado, que aponta o menor índice de chuva, uma garoa recebeu o visitante. "A precipitação em Parintins começou dia 12 e choveu 20 milímetros", dissera na véspera Veríssimo

Assis, chefe do Primeiro Distrito de Meteorologia em Manaus. "Ainda é pouco", completara. Outras regiões que também sofreram com a estiagem recuperaram-se primeiro. Eurinépé, perto da divisa com o Acre teve nos dez primeiros dias do mês 74 milímetros de chuva. Manicoré, na região do Rio Madeira, registrou no mesmo período 35 milímetros e, em Benjamin Constant, na divisa com o Peru, choveu 72 milímetros. O técnico acredita que "o pior já passou" também no baixo Amazonas.

Inversão térmica - Assis argumenta que o importante era que estava "chovendo nas cabeceiras", para, em seguida, acrescentar que a seca deste ano viera acompanhada por uma inversão térmica de dois meses. Isso não ocorria havia 60 anos. O poeta concorda.

Todo vestido de linho branco, Thiago de Mello caminhou pelas ruas úmidas de Parintins até o mercado da cidade para comprar peixe e piocha com milho, coberta com canela em pó, servida em um copo de plástico. Conversou com pescadores, comentou a volta das águas e seguiu de voadeira para Barreirinha, pilotando a embarcação na primeira metade da viagem. Junto do galão de óleo para reabastecimento do barco, uma mala com 70 quilos de livros.

Com a seca, o rio que Thiago de Mello não se cansa de admirar, o Rio Andirá, também foi afetado. E na comunidade Freguesia do Andirá, onde tem uma casa e constrói uma biblioteca, que ele se isola para trabalhar. Os moradores da vila pobre são obrigados a percorrer a pé cerca de 5 quilômetros atravessando várzeas que somem na cheia e o leito do igarapé do Pucu, que liga o paraná do Ramos ao Andirá. O motorista de um dos poucos carros existentes em Barreirinha, uma Toyota, cobra R\$ 10,00 pelo transporte do centro a uma praia do Andirá, atravessando as várzeas secas.

Vizinha do poeta na Freguesia, Raimunda Andrade, uma senhora que nem lembra mais a idade, percorreu na tarde de quinta-feira mais de dois quilômetros pelo fundo do igarapé do Pucu, amparada na filha, Raimunda da Silva dos Santos, de 51

anos, até uma canoa. Caminhando na periferia de Barreirinha, ela só conseguiria chegar à Freguesia do Andirá, do outro lado do rio, "à noite".

A travessia do Andirá dura em média 30 minutos em barco grande. Raimunda tinha ido a Barreirinha receber a aposentadoria e fazer compras. Quando a água não baixa tanto, é possível atracar as rabetas, que são pequenas canoas com motor de 4 HP, perto do centro.

Mas a situação na Freguesia do Andirá, refúgio do diplomata que em 1965 deixou o Chile para "enfrentar" o governo militar ao lado de escritores como Antonio Callado, ainda nem é tão grave. O distrito é um abandono só. As crianças, que hoje tomam boa parte do tempo de Thiago de Mello num grupo criado por ele para ler poemas, bebem água que não é tratada na Freguesia do Andirá. Retirada de poços abertos à beira do rio, o líquido é transportado em baldes e bacias para as casas por uma praia de quase 400 metros.

O motor do poço artesiano que abastecia bicas de rua na comunidade quebrou no ano passado e até agora não foi consertado pela prefeitura. O posto de saúde foi desativado.

Mas o isolamento é ainda maior nas vilas rio acima. Contando nos dedos, assessores da prefeitura calculam que as dificuldades de acesso são maiores em pelo menos 32 comunidades, 14 delas em área indígena. Canarinho é uma delas. Era para lá que ia na tarde de sexta-feira o aposentado Dionísio Tiago. Com dois filhos, ele enfrentaria uma hora e meia de caminhada, mais três horas e meia de barco. Dionísio foi a Barreirinha também para receber aposentadoria de R\$ 120,00.

Mudança - O sofrimento das famílias habituadas às agruras dos deslocamentos na floresta parece estar perto da mudança. "Graças a Deus que o rio está enchendo", agradecia na sexta-feira o vice-prefeito, Raimundo Beltrão, de 42 anos. Na época das chuvas, quando as águas subirem novamente, os ribeirinhos continuarão com as dificuldades da vida no desamparo, só que com barcos e rabetas.

Mas o vice-prefeito, que ajuda na administração de um orçamento de R\$ 230 mil mensais numa prefeitura com cerca de 250 servidores e é o maior patrão do município, argumenta que a seca também proporciona facilidades aos caboclos. É durante a vazante que eles podem plantar usando as margens. Nesta época há também mais fartura de peixes. "A seca na Amazônia é diferente da do Nordeste", conclui o vice-prefeito. Mesmo com todos os contratempos da estiagem, a quarta pior desde o início do século, de acordo com dados do Centro de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), a seca não é o fenômeno mais temido pelos amazonenses. A enchente é pior.

Poeta é conhecido por obra engajada

Nascido em Barreirinha, interior amazonense, o poeta Thiago de Mello passou a juventude no Rio. Em 1969 exilou-se voluntariamente do País, retornando em 1977. Desde então, passa a maior do tempo em sua casa às margens do Paraná dos Ramos. É autor de quase vinte livros, entre os quais *Faz escuro mas eu canto* e *Canção do amor armado*.

Na década de 70, sua poesia era bastante apreciada no meio estudantil e entre grupos de opositores ao regime militar. Um dos poemas mais conhecidos então era *Estatutos do Homem*. Iniciava com os versos: "Fica decretado que agora vale a verdade/ Que agora vale a vida/ e que de mãos dadas / trabalharemos todos/ pela vida verdadeira."

Em 1981, publicou *Mormaço na Floresta*, no qual denunciava a destruição da mata. Dizia: "Enfim te descobrimos/ Foi preciso que as águas mais azuis apodrescessem/ que os pássaros parassem de cantar/ que peixes fabulários se extinguissem/ tua pele verde fosse aberta/ pelas garras de todas as ganâncias."

Sobre a região o poeta também escreveu *Manaus, amor e memória e Amazonas, pátria das águas*.

A estiagem em Barreirinha obriga a moradora Eliana Martins de Souza a andar até recolher água de um poço localizado nas proximidades do Rio Andirá: quando o nível não baixa tanto, é possível atracar as rabetas, ou pequenas canoas com motor, perto do centro da cidade

Alberto César Araújo/AE